

PESQUISA NARRATIVA COMO FERRAMENTA HISTORIOGRÁFICA PAUTADA NOS SUJEITOS HISTÓRICOS

Renan Rocha de Holanda Sousa¹ e Ana Cláudia Ribeiro de Souza²

¹Técnico em Assuntos Educacionais do IFAM, Mestre em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT IFAM
(renansousaceara@gmail.com)

²Docente do Instituto Federal do Amazonas – IFAM e do ProfEPT IFAM, Doutora em História Social, ana.souza@ifam.edu.br

RESUMO

Este artigo discute a adoção da pesquisa narrativa como ferramenta adequada para a elaboração de uma história cultural, ou seja, como a narrativa histórica e a investigação narrativa, enquanto referenciais teórico-metodológicos, podem contribuir para investigar objetos de pesquisa mediante a análise dos relatos de sujeitos atuantes no contexto histórico-geográfico delineado. Nosso objetivo é apresentar as características, métodos e possibilidades de utilização da pesquisa narrativa para este fim. Realizamos um levantamento bibliográfico para embasar a discussão proposta. Trazemos, ainda, um exemplo de pesquisa narrativa, a qual engloba os referenciais aqui utilizados. Defendemos que a história cultural contribui para uma historiografia pautada nos sujeitos históricos, os quais são construtores cotidianos do meio em que vivem.

Palavras-Chave: narrativa histórica, investigação narrativa, história cultural.

ABSTRACT

This article discusses the choice of narrative research as a suitable tool for the elaboration of a cultural history, in other words, how the historical narrative and the narrative investigation, as theoretical and methodological reference, can contribute to investigate research objects through the analysis of reports of active subjects in the outlined historical-geographical

context. Our objective is to present the characteristics, methods and possibilities of using of the narrative research for this purpose. We did a bibliographic survey to support the proposed discussion. We also bring an example of narrative research that includes the references used here. We defend that cultural history contributes to a historiography based on historical subjects, who are daily builders of the environment in which they live.

KEYWORDS: historical narrative, narrative investigation, cultural history.

INTRODUÇÃO

Neste artigo discutimos as contribuições da pesquisa narrativa como ferramenta para a elaboração de uma história cultural. Temos como objetivo apresentar as características, métodos e possibilidades de utilização da pesquisa narrativa nesta perspectiva. Dentro da pesquisa narrativa, adotamos os conceitos de narrativa histórica e investigação narrativa como referenciais teórico-metodológicos. Outros conceitos estão englobados pela discussão, tais como: memória, história oral, sujeito histórico e entrevista narrativa.

Desse modo, as seções se dividem em: breve contexto histórico-conceitual da pesquisa narrativa, onde definimos história cultural, narrativa histórica, investigação narrativa e história vista de baixo; elementos da pesquisa narrativa, onde pontuamos questões referentes às possibilidades e cuidados metodológicos no trato com as narrativas; e exemplo de uma pesquisa narrativa, onde abordamos uma exemplificação do estudo realizado mediante os aspectos teórico-metodológicos discutidos neste artigo.

Ressaltamos que o referencial bibliográfico selecionado para este trabalho se alinha ao que selecionamos para elaborar a pesquisa de mestrado profissional no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Logo, nossa discussão se justifica pela defesa da pesquisa narrativa como possibilidade de construção historiográfica de uma história relatada por sujeitos históricos, ou seja, que são atuantes no contexto histórico-geográfico do objeto delineado.

BREVE CONTEXTO HISTÓRICO-CONCEITUAL DA PESQUISA NARRATIVA

Segundo Burke (1992), no decorrer do século XX houve o surgimento de novos campos da história enquanto ciência. Esta expansão, como complementa o autor, partiu da fragmentação da história em diferentes áreas, criando um movimento de expansão e fragmentação que fez requerer uma orientação quanto à relação entre a história tradicional e essa nova história.

A nova história, de acordo com Burke (1992), refere-se àquela associada à chamada Escola dos Annales, pautada em uma variedade de novas abordagens e contemplando a ideia de história total, ou história como totalidade, a qual está sujeita a variações no tempo e no espaço. O autor aponta que essa nova perspectiva buscou superar o paradigma tradicional, confrontando seu caráter estritamente objetivo, político e elitista. O novo paradigma, como afirma o autor, passou a encarar a história através do relativismo cultural, ou seja, adotando como base filosófica a ideia de que a realidade é social ou culturalmente construída.

Diante disso, Cardoso Junior (2016) aponta a diferença entre a hermenêutica histórica no contexto do século XIX, a qual se preocupou com a restituição da intencionalidade do autor de um texto, e a atual, preocupada com a exibição de um mundo para que possamos “reconhecer” a história. Segundo o autor, “[...] foi exatamente a este estatuto hermenêutico que Ricoeur creditou à narrativa histórica [...]” (CARDOSO JUNIOR, 2016, p. 213).

Rusen (2016) defende que a narração histórica está inserida nos fundamentos do trabalho dos historiadores, bem como se aproxima da filosofia e da linguística dos estudos históricos. O autor afirma que esta é “[...] um sistema de operações mentais que definem o campo da consciência histórica [...]” (RUSEN, 2016, p. 46). Logo, compreende um processo de atribuir sentido à experiência do tempo, tornando compreensível a experiência do tempo presente e possível a do tempo futuro. Portanto, as narrativas realizam um processo de construção histórica através da atividade da mente humana em relação com o objeto.

Ricoeur (2007) explica que falar de interpretação enquanto operação significa tratá-la como um complexo de atos de linguagem, ou seja, incorporando vários componentes, tais como: um conjunto de significações a serem explicitadas pelo interlocutor; as variadas formas de interpretação, as quais geram as possibilidades de controvérsias e conflitos; a pretensão de dotar a interpretação com argumentos plausíveis; e a consciência de que por trás de toda interpretação existe uma fonte de motivações pessoais e culturais por parte do sujeito.

Desse modo, Rabelo (2011) explica os pressupostos para o surgimento da investigação narrativa, destacando a busca por uma abordagem mais histórica e interpretativa, a qual pudesse mediar à própria experiência e configurar a construção social da realidade, incluindo a subjetividade relacionada com o discurso comunicativo.

Conforme apontam Rodrigues e Prado (2015), a narrativa não se restringe a uma metodologia, mas se configura como forma de construir a realidade, de modo que as características da pesquisa positivista, como: generalização, objetividade e distanciamento entre investigador e investigado, não se adequam à investigação narrativa, pois a subjetividade é condição necessária para o conhecimento social.

Dotta e Lopes (2013) reforçam que devemos sempre levar em consideração a complexidade na realização da investigação narrativa, pois o estudo da experiência como história é uma forma de pensar sobre a experiência. Desse modo, a construção da narrativa é uma experiência formadora, que dá sentido ao que foi vivido pelos sujeitos em função dos significados particulares e coletivos.

Logo, como abordam Rodrigues e Prado (2015), a narrativa “[...] é, ao mesmo tempo, um objeto de estudo, um método de investigação e uma forma de organização do relatório de investigação.” (RODRIGUES e PRADO, 2015, p. 93). De tal modo, compreendemos que através dessa metodologia de análise dos dados, temos um modo singular de se fazer emergir uma teoria, o que caracteriza o diferencial da pesquisa qualitativa de cunho narrativo.

Destacamos, ainda, que “[...] as narrativas proporcionadas pelos entrevistados são totalmente dependentes do contexto em que os mesmos se encontram (e também do objetivo com que deram a entrevista).”

(RABELO, 2011, p. 176), de modo que uma narrativa é uma forma de interpretação e que, somente através dela, podemos investigar o mundo cultural.

Ressaltamos que a narrativa histórica e a investigação narrativa enquanto referenciais teórico-metodológicos podem propiciar o embasamento para a elaboração de uma história contada por aqueles que fazem ou fizeram parte da história investigada e que narram essa relação mediante os significados adquiridos em suas vivências.

Sharpe (1992) discute a “história vista de baixo” como possibilidade historiográfica de acesso ao passado, ou seja, a história contada pelas classes menos favorecidas social, econômica e politicamente das sociedades. O autor afirma que os historiadores, ao buscarem novas perspectivas do passado, tomaram consciência da importância do ponto de vista das pessoas “comuns”, pertencentes às classes populares.

Questionando o que se enquadra como “de baixo” nesta perspectiva historiográfica, Sharpe (1992) aponta a referência, como já mencionada, com a história de pessoas “comuns”, não meramente ligadas à história política das elites, mas contextualizadas em uma ampla estrutura social e de poder social. A análise desse contexto para a história vista de baixo proporciona sua maior eficácia.

Logo, Sharpe (1992) enfatiza duas importantes funções da história vista de baixo, primeiro como corretivo à história da elite e segundo como possibilidade de uma síntese ampliada da compreensão histórica, onde ocorre a fusão da experiência histórica do cotidiano das pessoas com os temas tradicionais da história.

A história vista de baixo, portanto, pode promover o reconhecimento da identidade de um grupo ou indivíduo, mostrando, segundo Sharpe (1992), que os membros das classes inferiores promovem ações que afetam o mundo em que vivem, ou seja, trazendo a compreensão desses homens e mulheres como agentes sociais, como seres históricos.

ELEMENTOS DA PESQUISA NARRATIVA

Bastos e Andrade (2015) discutem acerca da narrativa como metodologia para a pesquisa qualitativa e interpretativa. Acerca de como proceder metodologicamente no trato com a narrativa, as autoras apontam que as entrevistas, semiestruturadas ou abertas, ganham destaque como forma de coleta dos dados.

Em concordância com a entrevista narrativa como recurso para a coleta de dados, Muylaert et al. (2014) destacam que a interferência do pesquisador deve ser mínima, pois este deve estimular o sujeito a compartilhar sua memória acerca de um determinado acontecimento de vida, mediante seu contexto social. Cabe ressaltar, como explicam os autores, que há uma característica colaborativa neste método, de modo que a história emerge a partir da interação e do diálogo entre entrevistador e participantes.

Muylaert et al. (2014) destacam fases para obtenção das entrevistas narrativas, pontuando: a preparação (exploração do campo, formulação das questões); a iniciação (formulação do tópico inicial para narração); a narração central (não deve ser interrompida e deve ser aguardado um sinal para finalização); a fase de perguntas (não dar opiniões ou entrar em contradições); e a fase conclusiva (parar de gravar, realizar anotações adicionais).

A investigação narrativa possui um enfoque interdisciplinar, como frisa Rabelo (2011), pois abrange uma perspectiva mais interpretativa onde o significado dos agentes se converte no foco da investigação, de modo que compreende as dimensões da experiência e da complexidade, relações e singularidade de cada ação. Por isso, como ressalta a autora, o conhecimento narrativo não deve ser reduzido a um conjunto de categorias abstratas ou gerais que anulem sua singularidade.

Rabelo (2011) propõe que, mais do que classificar a narrativa de maneira fragmentada, devemos compreendê-la através do seu contexto, sem ignorar as questões particulares que emergem no seu processo de construção, de modo que o processo de análise narrativa agregue os dados em um conjunto coerente. Como reforça a autora, podemos utilizar trechos, citações das entrevistas coletadas, sem que haja manipulação da voz dos participantes, visando ilustrar a apreensão do narrado por meio da investigação narrativa.

Muylaert et al. (2014) explicam que a análise das entrevistas narrativas deve levar em consideração características como: tom da voz, pausas, mudanças na entonação, expressões e até mesmo o silêncio em determinados momentos.

Certeau (1982) discute sobre a relação entre escrita e oralidade, apontando que a cultura popular é oral, porém, que essa oralidade se modifica no momento em que o escrito deixa de ser símbolo e se torna instrumento da historiografia.

Montenegro (1992) defende que o trabalho com história oral deve considerar a relação do entrevistado com o passado, visto que este sujeito vive em um outro presente e o que se produz é uma representação dissociada do vivido, do sentido, de modo que, em contrapartida a estes perigos, encontra-se a figura do narrador, o qual possui a capacidade de relatar ou descrever acontecimentos, situações e fatos, seus e dos outros, de maneira precisa.

De tal modo, como explica Alves (2016), podemos compreender que a história oral pode ser caracterizada como uma metodologia de pesquisa que dá voz aos sujeitos excluídos da história oficial. Quando trabalhamos com fontes orais, conforme destaca a autora, devemos utilizar outros documentos escritos para realizar o diálogo com as narrativas.

EXEMPLO DE UMA PESQUISA NARRATIVA

Compartilhamos a experiência de ter trabalhado com a pesquisa narrativa, a qual abrangeu ambos os conceitos aqui discutidos. Tal pesquisa foi realizada a nível de mestrado profissional no âmbito do ProfEPT.

Elaboramos a dissertação intitulada: "*Campus Eirunepé do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas: investigação narrativa de sujeitos que contam uma trajetória histórica*" (SOUZA, 2020), bem como o produto educacional oriundo da pesquisa, um ebook, ou livro eletrônico, nomeado como "'Florestamento' histórico do *Campus Eirunepé do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas: vultosos sujeitos que narram uma trajetória*". Como expõem os títulos, elaboramos uma trajetória histórica da instituição investigada.

O conceito de narrativa histórica orientou a construção do nosso referencial teórico, porém, outros conceitos se revelaram significativos para a discussão, como a memória e a história oral. Estes conceitos compreendem o primeiro capítulo da dissertação e estão presentes no produto educacional.

Acerca da memória, Ricoeur (2007) defende que esta tem como pretensão ser fiel ao passado, não havendo meio melhor para alcançar a sua referência. Logo, as deficiências provenientes do esquecimento não se tornam disfunções, mas a sombra daquilo que é iluminado pelo passado antes de ser transformado em memória. O autor completa que a transição da memória corporal para a memória dos lugares é assegurada por atos como orientação, deslocamento e habitação, que se tornam referência para o conhecimento histórico.

Pollak (1992) destaca que a memória é um fenômeno construído, sendo que em nível individual pode ocorrer de maneira consciente ou inconsciente, de modo que sua seletividade configura um trabalho de organização. Desse modo, a memória se configura como elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva.

Montenegro (1992) aponta que a partir da década de 1960 a oralidade se constitui em uma importante fonte de produção para o historiador. Logo, a cultura, o inconsciente, a história individual e coletiva, como reforça o autor, são fatores constitutivos da relação entre o sujeito e o acontecimento histórico vivenciado no cotidiano.

Já a investigação narrativa foi trabalhada no segundo capítulo, o referencial metodológico, mais especificamente na seção que apresentou a metodologia de análise dos dados. O segundo capítulo da dissertação contou ainda com a abordagem dos conceitos: sujeito histórico, recorte espaço-temporal da pesquisa, metodologia de coleta dos dados e definição do produto educacional.

Giordani e Rambo (2013) definem sujeito histórico como um ser histórico, multi-relacional e comunicativo, que é protagonista do seu pensar e das suas ações mediante o seu contexto espaço-temporal, ou seja, que atua de maneira consciente para promover sua condição humana e que não está apenas inserido no espaço em que vive, mas que é, historicamente, construtor deste.

Em definição, realizamos uma pesquisa qualitativa que investigou um objeto de caráter subjetivo, pois a trajetória então analisada foi orientada pelas narrativas, coletadas por meio de entrevistas, de sujeitos históricos selecionados para participar do estudo. De maneira complementar, realizamos uma pesquisa documental para dialogar com as fontes orais.

Samara e Tupy (2010) ressaltam a importância da seleção dos documentos levando em conta o contexto social e histórico da pesquisa, suas hipóteses e seu problema, bem como do domínio de métodos e técnicas específicos. Segundo as autoras, essa diversidade de registros comprova o avanço da ciência histórica de maneira interdisciplinar, incorporando métodos e técnicas de outras áreas de conhecimento.

A pesquisa mencionada, portanto, elaborou uma história cultural pautada em sujeitos históricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatizamos os apontamentos de Sharpe (1992) quanto às contribuições da história vista de baixo para a superação da historiografia meramente tradicional, elaborada pelas elites, permitindo a visualização de uma síntese ampliada da compreensão histórica, alinhando a experiência cotidiana de pessoas comuns com temas tradicionais da ciência histórica.

Diante disso, reforçamos a importância da pesquisa narrativa e os conceitos que a cercam como adequados para o alcance da historiografia nesta perspectiva. Como defendem Rodrigues e Prado (2015) a narrativa é, simultaneamente, objeto de estudo, método de investigação e forma de organização do relatório de investigação.

Entretanto, não pretendemos apontar a pesquisa narrativa como única forma de acesso à história cultural, nem tampouco afirmar esta perspectiva como alternativa singular para construir o conhecimento histórico. Buscamos, sim, fomentar as discussões acerca da historiografia construída com as contribuições de sujeitos historicamente ignorados pelo paradigma tradicional, mas que atuam cotidianamente nos meios em que estão inseridos e ajudam a modificar a realidade sociocultural. A defesa para que haja esta inserção é o cerne dos objetivos percorridos nestes escritos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. **Anais eletrônicos da IV semana de História do Pontal/** III Encontro de Ensino de História, Ituiutaba/MG: Universidade Federal de Uberlândia/*Campus Pontal*, p. 1-9, 29 a 02 dez. 2016. Disponível em:

<http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

BASTOS, Liliana Cabral. ANDRADE, Liana de. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta**, n. 31, ed. Especial, p. 97-126, 2015.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v31nspe/1678-460X-delta-31-spe-00097.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: Burke, Peter. (org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo/SP: Editora UNESP, 1992. p. 1-13 Disponível em:

http://etnohistoria.fflch.usp.br/sites/etnohistoria.fflch.usp.br/files/Burke_Nova_Historia.pdf. Acesso em: 25 ago. 2019.

CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. Ricoeur: de uma hermenêutica histórica a uma hermenêutica para a narrativa histórica. In: MALERBA, Jurandir. (org.).

História & narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica. Petrópolis/Vozes, 2016. p. 213-228.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro/RJ: Forense Universitária, 1982. p. 1-315. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/85s8vs>. Acesso em: 16 abr. 2019.

DOTTA, Leanete Teresinha Thomas; LOPES, Maria Amélia da Costa. Investigação narrativa, formação inicial de professores e autonomia dos estudantes: uma revisão de literatura. **Educación y futuro**, n. 29, p. 129-155, 2013. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4456848.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2020.

GIORDANI, Estela Maris; RAMBO, Márcia Cristiane. Leitura como instrumento de construção do sujeito histórico. **Revista Latino-Americana de História**. v. 2, n. 6 – Edição Especial – p. 1145-1158, ago. 2013. Disponível em: <http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/262/215>. Acesso em: 22 jan. 2020.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. **Revista brasileira de História**, São Paulo/SP, v. 13, n. 25/26, p. 55-65, set. 1992 – ago. 1993. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/download/1423519468_ARQUIVO_4_historiaoralcaminhosdescaminhos.pdf. Acesso em: 01 abr. 2019.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **EscEnferm USP**, n. 48, p. 193-199, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf. Acesso em: 11 jan. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro/RJ, vol. 5, n. 10, p. 1-15, 1992. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20caprar%20o%20.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

RABELO, Amanda Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. **Educação & Sociedade**, Campinas/SP, vol. 32, n. 114, p. 171-188, fev.-mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a11v32n114.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. – Tradução: Alan François et al. – Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 1-534. Disponível em: <https://achistorico.blogspot.com/2017/08/paul-ricoeur-memoria-historia-o.html>. Acesso em: 08 abr. 2019.

RODRIGUES, Nara Caetano; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Investigação Narrativa: construindo novos sentidos na pesquisa qualitativa em educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 29, p. 89-103 2015. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5096>. Acesso em: 11 jan. 2020.

RUSEN, Jörn. Narração histórica: fundações, tipos, razão. In: MALERBA, Jurandir. (org.). **História & narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016. p. 45-57.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spínola Silveira Truzzi. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2010.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. – Tradução: Magda Lopes – São Paulo/SP: UNESP, 1992. p. 39-62. Disponível em: http://www.janduarte.com.br/textos/teoria/historia_baixo.pdf. Acesso em: 01 abr. 2019.

SOUSA, Renan Rocha de Holanda. **Campus Eirunepé do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas**: investigação narrativa de sujeitos que contam uma trajetória histórica. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro. Manaus: IFAM, 2020.